

## **A Vida em 20 Linhas: Obituários e Jornalismo Literário<sup>1</sup>**

Monica Martinez<sup>2</sup>  
FIAM-FAAM Centro Universitário

### **Resumo**

Este artigo investiga, no contexto das narrativas biográficas em Jornalismo Literário, os textos da seção de obituários do jornal *Folha de S.Paulo*. O corpus da pesquisa consiste nos 62 obituários publicados da implementação, 30 de outubro de 2007, a 31 de dezembro do mesmo ano. Baseada no perfil biográfico do morto, esta análise busca compreender o imaginário brasileiro e sua representação sobre a morte a partir da ótica deste jornal paulista de circulação nacional. Os resultados sugerem um perfil prevalente do sexo masculino, com mais de 64 anos, de profissionais liberais do eixo Rio/São Paulo que contribuíram de alguma forma para suas respectivas comunidades e foram vitimados por doença cardíaca ou câncer. O falecimento de nonagenários e centenários transcende estas categorias, como se o simples fato de superar a expectativa média de vida brasileira fosse uma notícia em si.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; Jornalismo Literário; Narrativas Biográficas; Obituários; *Folha de S.Paulo*.

Though in death fire be mixed with my dust, yet care I not,  
for with me now all is well.  
*Epitáfio de Denys Finch Hatton (1887-1931)*

### **Corpo do trabalho**

No livro *A Fazenda Africana*<sup>3</sup>, a escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962) registra a morte de um grande chefe quicuío, etnia de idioma banto ainda hoje predominante no Quênia. Quando Kinanjui agoniza no leito, um médico o leva contra a vontade para o hospital da missão católica escocesa, onde ele falece. Na descrição do funeral, Blixen – mais conhecida pelo pseudônimo literário de Isak Dinesen –, reflete com pesar sobre o ocaso do ritual de morte dos povos nativos.

Tradicionalmente, os quicuíos não enterram seus mortos e preferem deixá-los sobre o solo, para que sejam devorados pelas hienas e pelos abutres. Tal costume sempre me encantara, pois imaginava que seria muito agradável ser colocada sob o sol e as estrelas e, depois, ter os ossos completamente descarnados e limpos com rapidez e precisão.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Monica Martinez, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, fez estudos pós-doutorais em Narrativas Digitais na Umesp. Contato: [martinez.monica@uol.com.br](mailto:martinez.monica@uol.com.br)

<sup>3</sup> O livro de Blixen foi uma das fontes do filme *Out of Africa* (Entre Dois Amores), filmado pelo cineasta estadunidense Sydney Pollack em 1985, teve como atores principais Robert Redford e Meryl Streep.

Era um modo de nos fundirmos na natureza e virarmos mais um dos elementos comuns de uma paisagem. (...)

Kinanjui, porém, (...) seria sepultado. Achei que os quicuios haviam concordado em abrir uma exceção à sua regra pelo fato de o morto ter sido chefe. Talvez estivessem preparando, para a ocasião, uma grande reunião ou cerimônia tradicional. (...)

No entanto, o funeral de Kinanjui foi uma cerimônia completamente européia e eclesiástica. Ela contou com a presença de representantes do governo, com o comissário distrital e duas autoridades vindas de Nairóbi. Mas o dia e o local foram dominados por religiosos, e a planície, sob o sol vespertino, ficou pontilhada com suas vestes escuras. (...) Se a intenção (...) era impressionar os quicuios com o sentimento de que ali haviam conquistado o falecido chefe, elas foram bem-sucedidas. (...)

O corpo de Kinanjui foi trazido da missão numa camionete, e colocado ao lado da sepultura. Não creio que, em toda a minha vida, eu tenha ficado mais decepcionada e chocada do que no momento em que o vi. Ele fora um homem corpulento, e eu me lembrava dele tal como o vira tantas vezes (...). Mas o caixão onde fora colocado era quase uma caixa quadrada, que certamente não media mais do que um metro e meio. (...) como será que haviam conseguido enfiar Kinanjui ali e como estava acomodado? (BLIXEN, 2005, p. 383-384).

Desta forma, a análise de um funeral permite, no plano simbólico, entender como a complexa e opulenta cultura tradicional africana, com suas milenares bases míticas e orais, estava literalmente sendo encaixotada e enterrada, lenta mas firmemente. A desagregação que se desenrolava na década de 1930 aos olhos da escritora era fruto não só do processo da industrialização, mas também do loteamento do continente feito em 1885 pelas principais potências europeias – o Quênia, localizado na parte oriental, fora atribuído ao Reino Unido.

Se a boa literatura consegue registrar, resgatar e fazer refletir, de forma tão profunda e vívida, a transformação de um contexto sócio-histórico, poderia o estudo sobre um conjunto de notícias sobre óbitos atingir a mesma dimensão? Esta é a premissa desta pesquisa sobre a seção implantada em 2007 pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Seu corpus consiste nos primeiros 62 obituários publicados no período de 30 de outubro a 31 de dezembro de 2007. Baseada no perfil biográfico do morto, esta análise busca compreender o imaginário brasileiro e sua representação sobre a morte a partir da ótica do segundo jornal em circulação nacional<sup>4</sup>.

## 1. Morte: um tema exclusivo e universal

Este artigo, evidentemente, não tem a pretensão de ser conclusivo nem de esgotar a temática da morte, que, aliás, vem sendo discutida desde a aurora da humanidade sem que os humanos tenham chegado a uma conclusão definitiva sobre ela, salvo a de que, por ser inevitável, é uma das poucas certezas da vida. De toda forma, a intenção é a de traçar um paralelo entre a morte, a mídia e as narrativas, estabelecendo uma possível relação e importância entre elas.

Hipócrates (460-377 a. C.) já afirmava há quase 2 500 anos: “Breve é a vida e longa é a arte”, distinguindo o ser biológico, individual – breve é a vida – do cultural, coletivo, que atribui nexos e sentidos à produção humana na esperança de que ela sobreviva à efemeridade do corpo – longa é a arte (BAITELLO, 2002, p. 17-22).

É nesta segunda realidade que se insere a produção das narrativas, que organiza relações no que é aparentemente caótico e sem sentido, como diz Medina (2003, p. 47):

<sup>4</sup> Segundo dados do IVC, em 2010 o jornal paulista perdeu a liderança que ocupava desde 1986 para o diário popular *Super Notícia*, de Belo Horizonte.

“Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos”.

Contudo, para o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, não há exatamente uma linha divisória entre vida e morte, uma vez que elas estão intrinsecamente ligadas: “Viver é fazer algo a despeito da evidente futilidade de tudo. Viver é portanto tentar negar a morte. Viver é fazer de conta que não há morte. Mas há. Não é isto espantoso? Sugiro ao leitor que a morte é o tema exclusivo e universal da vida. É portanto um tema sussurrado.” (FLUSSER, 2002, p. 97). Ele prossegue em sua tese:

“É evidente que tudo o que faço é uma tentativa de negar a morte. Se me levanto da cama, se me visto, se tomo café e se vou trabalhar, é que nego que vou morrer e faço de conta que sou eterno. Não fosse essa minha negação, ficaria na cama. Já que vou morrer, diria, tanto faz morrer hoje ou amanhã, ou daqui a cem anos, e ficaria na cama. A negação da morte dá portanto não somente significado à vida em geral, mas a cada vivência individual, a cada ato meu. Mas a negação da morte dá esse significado somente porque se sabe a si mesma mentirosa. Se fosse honesta esta negação, se realmente estivéssemos convencidos de que não há morte, não levantaríamos da cama, exatamente como não levantaríamos se não tentássemos negá-la. Se realmente não há morte, se o meu futuro é ilimitado, então nada tem urgência, nada precisa ser feito agora, o que equivale dizer que nada precisa ser feito nunca. Podemos portanto concluir desta primeira consideração que a urgência do instante (que é a própria essência da vida) é resultado de uma desonestidade: já que nada urge se aceito sinceramente a morte, e já que nada urge se a nego sinceramente, finjo negá-la e tudo urge. Em outras palavras: urge escrever este artigo, e urge lê-lo, já que escrevê-lo e lê-lo nos torna ainda mais imortais que somos, já que poderíamos morrer antes de escrevê-lo e lê-lo. (FLUSSER, 2002, p. 99-100).

Para o professor do programa de pós-graduação da PUC-SP, Norval Baitello Jr., neste processo de simbolização há uma inversão do ciclo biológico, com seu começo-crescimento-maturidade-fim: “(...) no mundo dos símbolos (...) todo fim tende inevitavelmente a um começo ou um recomeço” (BAITELLO, 2002, p. 105).

É por isso que, segundo ele:

“Símbolos vivem mais longamente que homens” escreve o cientista da mídia Harry Pross nas suas memórias (Pross, 1993:15). Símbolos encenam até mesmo uma solução para os problemas da morte, aplacam os medos e traumas provocados pela morte de pessoas queridas. Contudo, isto somente acontece quando a morte é cercada de procedimentos e indicativos de sobrevivência, eternidade, duração e temporalidade. Apenas quando é conferido à morte um caráter ambivalente, somente aí ela significa um fim e sua continuação, mortalidade e imortalidade ao mesmo tempo (idem, p. 106-107).

Ora, é preciso lembrar que a ideia de morte sofreu uma alteração significativa com o processo de industrialização no século XIX e os avanços tecnológicos do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. O filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940) ressalta que nesta mudança está uma das bases para o desafio da arte de narrar na contemporaneidade, uma vez que esta narração seria baseada na troca de experiências:

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar:

recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma num trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. Hoje a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos. Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém. (...) Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem ela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está esta autoridade (BENJAMIM, 1994, p. 207-208).

Assim a morte, tema exclusivo e universal da vida tratado de forma sussurrada como sugere Flusser, esvaziada do contato corporal, visto que o ato de morrer foi banido da cotidianidade e restrito às salas assépticas dos hospitais como aponta Benjamim, tem na construção social realizada pela mídia um papel de destaque.

Este fenômeno é bem explicado pelo cientista da mídia alemão Harry Pross (1923 – 2010). Ele defende três níveis de processo midiático – o que transcende o senso comum que entende e limita os processos comunicacionais apenas àqueles realizados pelos meios. Para Pross, há a **mídia primária**, baseada no potencial do corpo em comunicar quando dois ou mais indivíduos se encontram. A **mídia secundária**, mais perene, consiste nos sinais produzidos pelos corpos, incluindo aí das representações das cavernas aos jornais, revistas e livros. Já a **mídia terciária** surge com a era da eletricidade, uma vez que demanda aparatos que emitem e captam as mensagens transmitidas, incluindo do telégrafo e telefone às redes computacionais (BAITELLO Jr., 2005, p. 31-35).

Assim, nota-se a exclusão do corpo do morto e do processo de morrer da vida pública e cotidiana, ou seja, como mídia primária. Aliás, com o confinamento aos ambientes hospitalares, há o aumento do uso de aparatos eletrônicos para mediar o morrer e seus rituais associados, como os velórios virtuais. O incremento destas formas de mediação acorpóreas na contemporaneidade reforça a importância da mediação jornalística no processo de validar e conferir importância ao falecido (a). Daí se pode dizer que:

(...) a maioria das notícias é mortal. Mais exatamente teríamos de dizer que a maioria das notícias estabelece vínculos diretos ou indiretos com a morte (com o medo da morte). Se elas relatam sobre catástrofes ou crises políticas e econômicas, eminências e personalidades, pessoas vivas ou mortas, em última instância estão lidando com limites e fronteiras transpostas ou por transpor, estão refletindo as possibilidades remotas ou iminentes de um fim, seja ele definitivo ou passageiro, seja fim de uma unidade ou de uma parte, seja ele o fim de um todo. O caráter ambivalente deixa aí a sua marca, atenuando a visão inexorável do tempo, revertendo sua direção única, permitindo a retrospectiva. Deste modo, a consciência da morte significa, portanto, simultaneamente, tanto medo e rejeição como atração e curiosidade. (BAITELLO, 2002, p. 109).

É essa constatação da fragilidade da vida humana, sempre por um fio, sintetizada e imortalizada pela mídia, que talvez torne tão atraente a leitura dos perfis biográficos dos mortos. E que demanda do jornalista enorme perícia e sensibilidade para ser bem-sucedido no desafio de condensar muitos anos em poucas linhas.

## 2. Obituários: perfil biográfico dos mortos

Embora não haja uma referência clara aos necrológios em seus estudos, entendemos os obituários no contexto das narrativas biográficas propostas pelo pesquisador brasileiro Edvaldo Pereira Lima, em particular alinhado ao gênero perfil, “texto que retrata um indivíduo como em uma arqueologia psicológica que vai escavando e trazendo à tona seus valores, suas motivações, talvez seus receios, seus lados luminosos e suas facetas sombrias, quem sabe” (LIMA, 2004, p. 427).

Sérgio Vilas Boas também aponta as diferenças entre “a narrativa biográfica longa e os perfis curtos publicados normalmente em jornais e revistas” (VILAS BOAS, 2003, p. 9), que “retratam o presente e alguns episódios marcantes da vida” (idem). Segundo o Dicionário de Comunicação, necrológico, obituário ou, na gíria de algumas redações, funéreo, significa:

Notícia em jornal, revista etc., sobre o falecimento de uma pessoa. Quando trata da morte de uma pessoa de grande notoriedade, é publicado como matéria de destaque e inclui uma biografia mais ou menos extensa, com análises sobre a vida e a obra da pessoa falecida. (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 506).

Há, no caso de personalidades de destaque, a tradição de se preparar com antecedência os necrológios, conforme apontam Rabaça e Barbosa:

A biografia, que serve de base ao necrológico de personalidades de destaque no panorama nacional e internacional, costuma ser preparada com meses ou anos de antecedência, na redação dos jornais: é mantida nos arquivos de pesquisa e atualizada regularmente, para ser utilizada prontamente, quando necessário (idem).

Essa tendência pode ser lida no registro do cotidiano de um redator de obituários nos anos 1960, *Sr. Má Notícia*, perfil de Alden Whitman aos 52 anos (1913-1990), do *The New York Times*, escrito pelo jornalista estadunidense Gay Talese (2004):

A morte está na mente de Whitman enquanto ele vai de metrô rumo a Times Square<sup>5</sup>. No jornal da manhã ele lera que Henry Wallace não anda muito bem de saúde, que Billy Graham foi atendido na Mayo Clinic. Whitman planeja, ao chegar no Times dez minutos depois, ir diretamente ao arquivo do jornal, onde se encontram recortes de jornais e obituários preparados com antecedência, e examina em que pé se encontram os obituários do reverendo Graham e do ex-vice-presidente Wallace (Wallace morreu alguns meses depois). Há 2 mil obituários preparados com antecedência no arquivo do *Times*, Whitman bem o sabe, mas muitos deles, como os de J. Edgar Hoover, Charles Lindenbergh e Walter Winchell, foram escritos há muito tempo e precisam ser atualizados. Há pouco tempo, quando o presidente Johnson estava no hospital para uma operação de vesícula, seu obituário foi atualizado até os últimos instantes; o mesmo aconteceu com o do papa Paulo, antes de sua viagem a Nova York; e também com o de Joseph P. Kennedy. Para um redator de obituários não existe nada pior do que a morte de uma personalidade mundial antes que se tenha tido tempo de atualizar seu obituário; pode ser uma experiência angustiante, Whitman bem o sabe, exigindo do redator que se transforme num historiador do instante e que aborde a vida do morto com lucidez, precisão e objetividade (TALESE, 2004, p. 481-482).

Talese chama de “astigmatismo profissional que afeta muitos redadores de obituários” que, depois de “terem escrito ou lido obituários de alguém ainda vivo, (...)”

<sup>5</sup> Local onde fica até hoje a sede do jornal novaiorquino *The New York Times*.

começam a achar que essas pessoas já morreram (TALESE, 2004, p. 484). E sistematiza os três tipos de casos em que Whitman trabalhava. O primeiro é uma lista de pessoas vivas a quem Whitman dá *prioridade*:

As pessoas constam da lista porque ele acredita que os seus dias estão contados, ou porque acha que já completaram o seu trabalho e portanto não vê motivo para adiar a inevitável tarefa de escrever-lhes o obituário ou ainda porque ele simplesmente acha ‘interessantes’ e quer escrever o obituário com antecedência por puro prazer (TALESE, 2004, p. 486).

O segundo tipo é chamado de lista adiada:

(...) composta de líderes de certa idade mas ainda atuantes, *monstros sagrados*, ainda no poder ou ainda presentes nos noticiários por outros motivos, e tentar escrever um obituário ‘definitivo’ sobre esses indivíduos seria não apenas difícil mas também exigiria contínuas alterações e inserções no futuro; assim, ainda que essas pessoas ‘adiadas’ tenham obituários desatualizados no arquivo do *Times* – pessoas como De Gaulle e Franco –, Whitman prefere deixá-las esperar um pouco para o retoque final (TALESE, 2004, p. 486).

Finalmente, o terceiro tipo de obituário é o de indivíduos em que o “nome more antes da pessoa”:

(...) existem pessoas cuja morte ele pensa estar próxima, e para as quais já preparou uma homenagem final, mas que podem continuar vivendo por anos e anos; sua importância e influência no mundo talvez possam diminuir, mas elas continuam vivas. Quando *esse* é o caso (...), Whitman se reserva o direito de reduzir o obituário (TALESE, 2004, p. 486-487).

Em 2008, Matinas Suzuki, hoje diretor de comunicação da Companhia das Letras, escreveu um posfácio para o livro *O Livro das Vidas*, no qual aborda a questão da entrevista para permitir ao biografado apresentar a sua versão da história, “uma vez que, depois do obituário publicado, ele não terá chance de enviar uma carta à redação para reparar eventuais injustiças.” (SUZUKI, 2008, p. 296):

Whitman desenvolveu uma técnica específica para as entrevistas. Tendo chegado à conclusão de que o melhor que poderia extrair era uma “série de impressões sobre a pessoa”, antes do encontro ele se dedicava à lição de casa pesquisando todo o material biográfico disponível. Assim, durante a entrevista, podia “concentrar-se na observação e no registro das maneiras, nas atitudes, nos pontos de vista, na personalidade e, nos momentos certos, trazer à tona os temas que queria elucidar”. Ele observa no prefácio da antologia de obituários *Come to the judgment*: “Eu sempre fiquei impressionado pelo quanto uma pessoa revela de si mesma sem se dar conta, em uma conversa semi-estruturada”. Graças às entrevistas para a página de *obits*, Whitman orgulhava-se de ter viajado mais e ter conversado com mais personalidades do que qualquer outro repórter do *Times*. (SUZUKI, 2008, p. 296):

No caso deste estudo, como se verificará adiante, nota-se que a *Folha de S. Paulo* optou por não dedicar este espaço às celebridades. Os indivíduos escolhidos podem ser considerados anônimos, ao menos no sentido de não serem alvo da mídia em nível nacional, mas a maioria dos obituários trata de pessoas de destaque em sua comunidade ou área de atuação.

“A orientação do jornal é a de omitir os créditos (dos obituários). (TALESE, 2004, p. 487). Da mesma forma, o estudo revela uma diferença em relação ao verbete definido por Rabaça e Barbosa, uma vez que na *Folha de S. Paulo* os perfis são feitos postumamente à morte e não com antecedência.

A seção Mortes despertou interesse desde o começo, como sugere a carta abaixo, publicada no *Painel dos Leitores* no dia 12 de dezembro de 2007, cerca de dois meses após a implementação da coluna:

#### **Necrológio**

"Parabenizo a *Folha* pela coluna que vem sendo apresentada sob a rubrica "Mortes" (Cotidiano).

O texto de William Vieira, sempre delicado e às vezes roçando o poético, passou a ser um dos meus textos obrigatórios na leitura diária do jornal. A coluninha acrescenta um definitivo e necessário toque "humano" ao jornal, de que nós, leitores, fartos dos renanismos e chavismos do dia-a-dia, bem que estávamos precisando."

NIVALDO SANCHES (São Paulo, SP)

### **3. A pesquisa**

A seção tem sido publicada com regularidade desde sua implementação – no período analisado, ela deixou de ser impressa apenas no dia 10 de dezembro de 2007. O espaço a ela conferido também foi bastante regular, com média de 19.5 linhas no período (1. 525 caracteres com espaços ou 234 palavras). O menor obituário publicado, em 5 de novembro de 2007, foi da assessora de imprensa paulista Regina Sion, 54, fundadora da Intermeio. O maior, publicado em 6 de dezembro do mesmo ano, foi sobre a carioca Vera Silvia Magalhães, 59, a única mulher no grupo de guerrilheiros do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) que, em 1969, seqüestrou o embaixador americano Charles Burke Elbrick. Foi escrito pela sucursal do Rio de Janeiro do jornal, sendo, aliás, um dos dois únicos não redigidos pelo então jornalista colaborador William Vieira<sup>6</sup>, responsável pela apuração e redação de 95% dos obituários do período<sup>7</sup>.

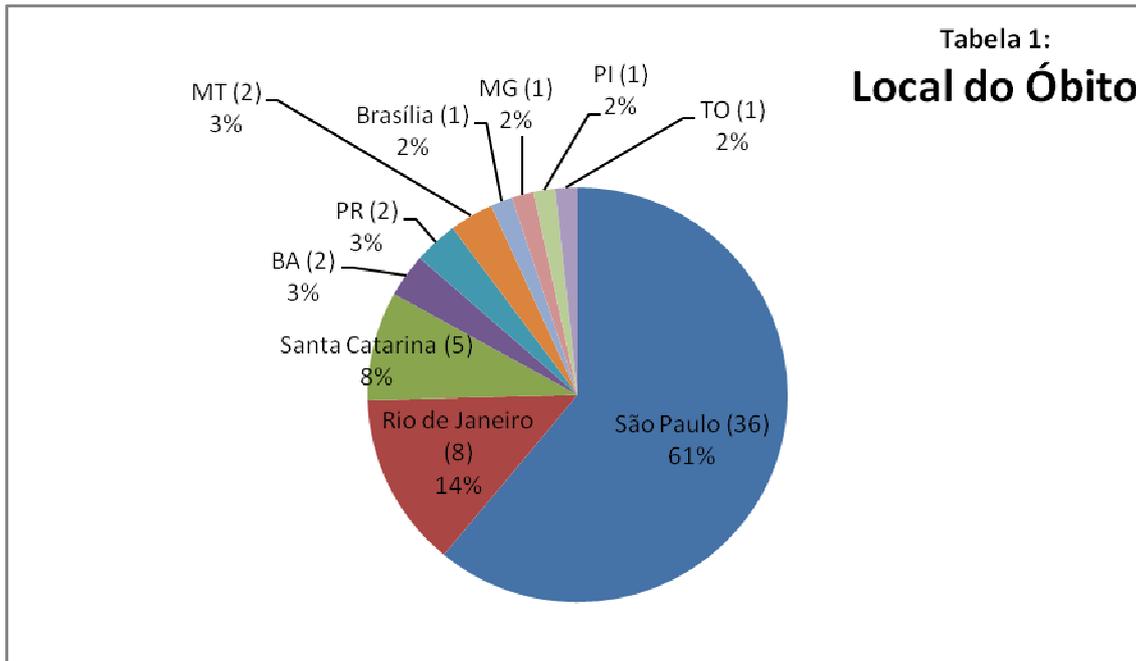
#### **3.1 Local do falecimento**

Apesar de ser o segundo jornal brasileiro em circulação, a *Folha de S. Paulo* destaca os óbitos ocorridos no próprio Estado (61% do total), conforme sugere a *Tabela 1*. Somados, os dois Estados com maior número de falecimentos registrados (SP, RJ, ambos da região Sudeste), totalizam 75% dos obituários do período.

---

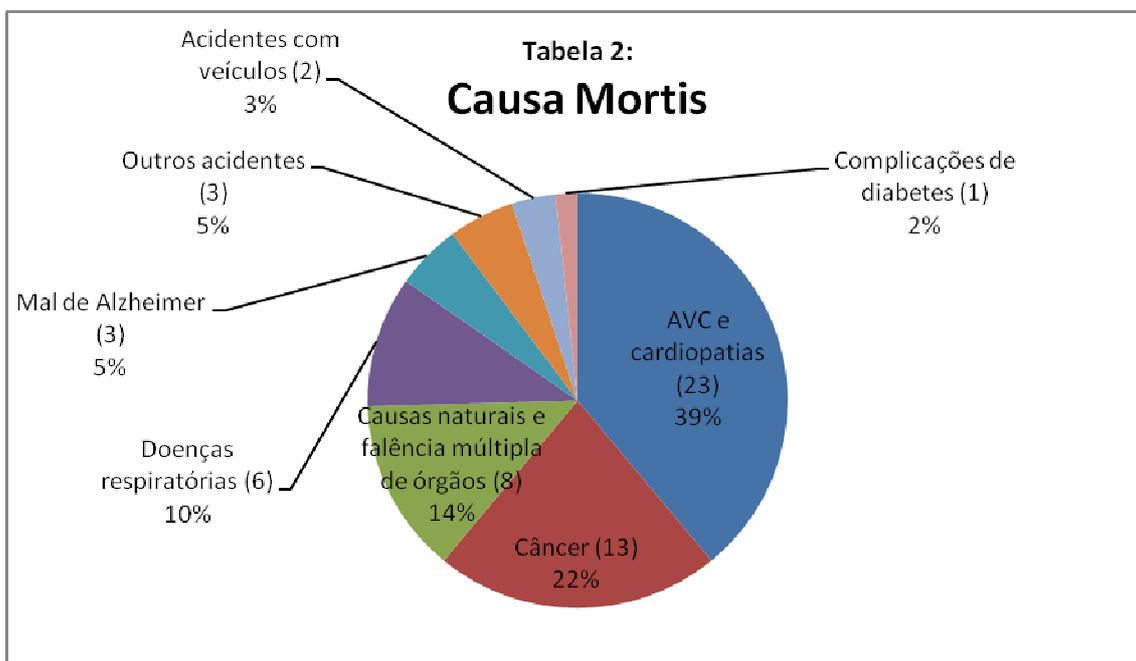
<sup>6</sup> Até o fechamento deste artigo, em maio de 2012, William Vieira era repórter da revista Carta Capital, com sede em São Paulo.

<sup>7</sup> O outro obituário, de autoria de Sérgio Dávila, *Kafka, conselheiro de diretores do FMI*, foi publicado em 2 de dezembro de 2007. Na época o jornalista era correspondente do jornal em Washington, onde ocorreu o falecimento.



### 3.2 Causa mortis

O motivo do falecimento é sempre destacado, seja no início ou ao final do obituário. Do total, apenas dois deles não constam a causa mortis:



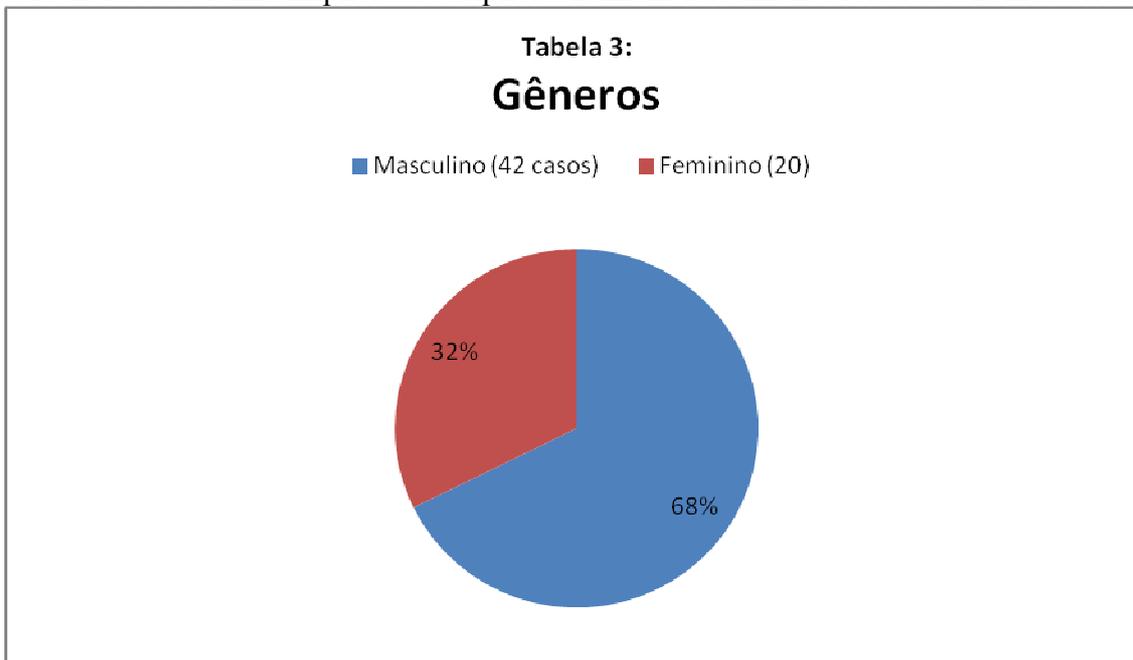
Doenças cardíacas e câncer, sozinhos, são responsáveis por 61% dos óbitos<sup>8</sup>, dado alinhado com as estatísticas de incidência de mortalidade no país. Como se trata de um grupo com elevado número de idosos, a incidência de causas naturais e falência múltipla de órgãos é significativa (14%), embora todos estes falecimentos ocorram no hospital e não mais nas residências dos enfermos, conforme observa Benjamim. Note-se, contudo, a baixa

<sup>8</sup> Os dados da tabela 2 referem-se à 60 obituários, uma vez que em dois deles não há referência à causa mortis.

incidência de causas relacionadas à violência (um em 60), acidentes em veículos automotores (2), doenças infectocontagiosas (1), afogamentos (1) e queimaduras (1).

### 3.3 Gêneros

Notou-se predominância de óbitos do gênero masculino (68%), não sendo evidenciado de forma implícita ou explícita nenhum falecimento relativo a homossexuais.

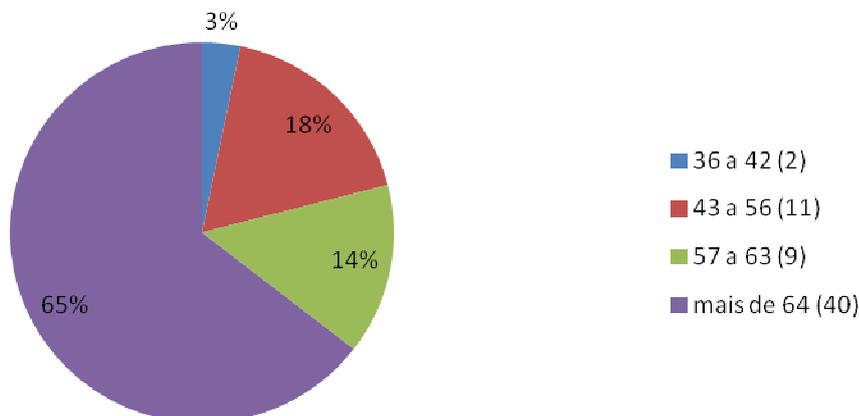


### 3.4 Faixa etária

A faixa etária revelada pelo estudo variou de 37 a 105 anos, com concentração significativa no segmento acima dos 64 anos (65%)<sup>9</sup>. Não há, portanto, o comunicado de falecimento de crianças nem adolescentes. Mesmo os dois casos abaixo dos 40 anos possivelmente foram escolhidos não devido à faixa etária, mas pela natureza da história (respectivamente uma professora e um ator gaúcho de família muito pobre que começava a atuar em peças de destaque na capital paulista, que morre afogado no dia anterior à estreia da peça em Santa Cruz do Rio Pardo/SP).

<sup>9</sup> As faixas etárias aqui utilizadas não seguem o padrão IBGE, mas sim o método da biografia humana, adotada pela autora em suas pesquisas devido à possibilidade mais ampliada de interpretação dos dados a partir das perspectivas médica e psicológica.

**Tabela 4:**  
**Faixa Etária**  
(em anos)

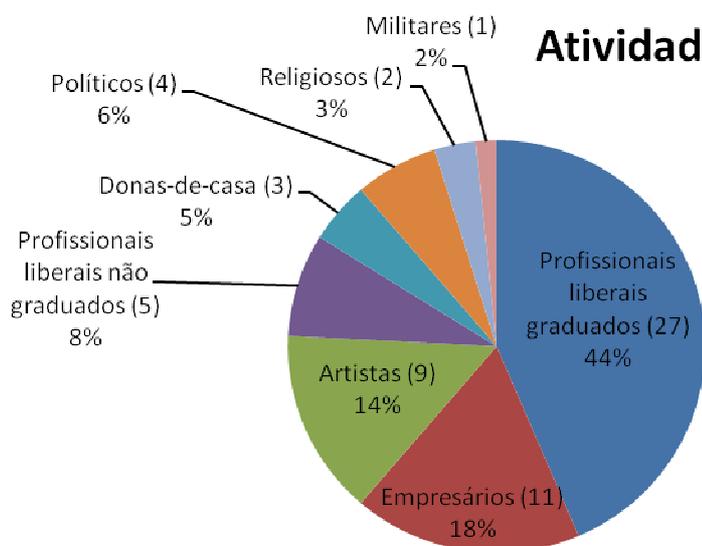


### 3.5 Atividades profissionais

Para investigar a profissão dos falecidos, foram criadas seis categorias, aqui citadas em ordem alfabética:

- 1) Artistas em geral (engloba os perfis dos atores, artistas plásticos, músicos e poetas).
- 2) Donas-de-casa.
- 3) Empresários.
- 4) Militares.
- 5) Políticos.
- 6) Profissionais liberais graduados (advogados, assessores de imprensa, bancários, docentes, economistas, engenheiros, físicos, médicos, nutricionistas, publicitários, revisores e tradutores).
- 7) Profissionais liberais não necessariamente graduados (costureiras, feirantes, frentistas, motoristas e porteiros).
- 8) Religiosos.

**Tabela 5:**  
**Atividades Profissionais**



Mesmo os aposentados são identificados pela atividade que exerciam, o que sinaliza a profunda valorização da profissão ou de certas competências pessoais na biografia. Das oito categorias investigadas, três se destacam, respondendo por 78% da incidência. Em primeiro lugar, as profissões liberais, com destaque para carreiras tradicionais, como médicos e advogados (cinco casos cada). Em ambos os casos nota-se a seleção de histórias exemplares, de personagens que contribuíram de forma relevante para sua comunidade. Já os profissionais não graduados são selecionados em função da idade longa (costureira, feirante e porteiro) e histórias atípicas (como a explosão que vitimou o frentista que usava telefone celular justamente na hora da descarga de combustível no posto).

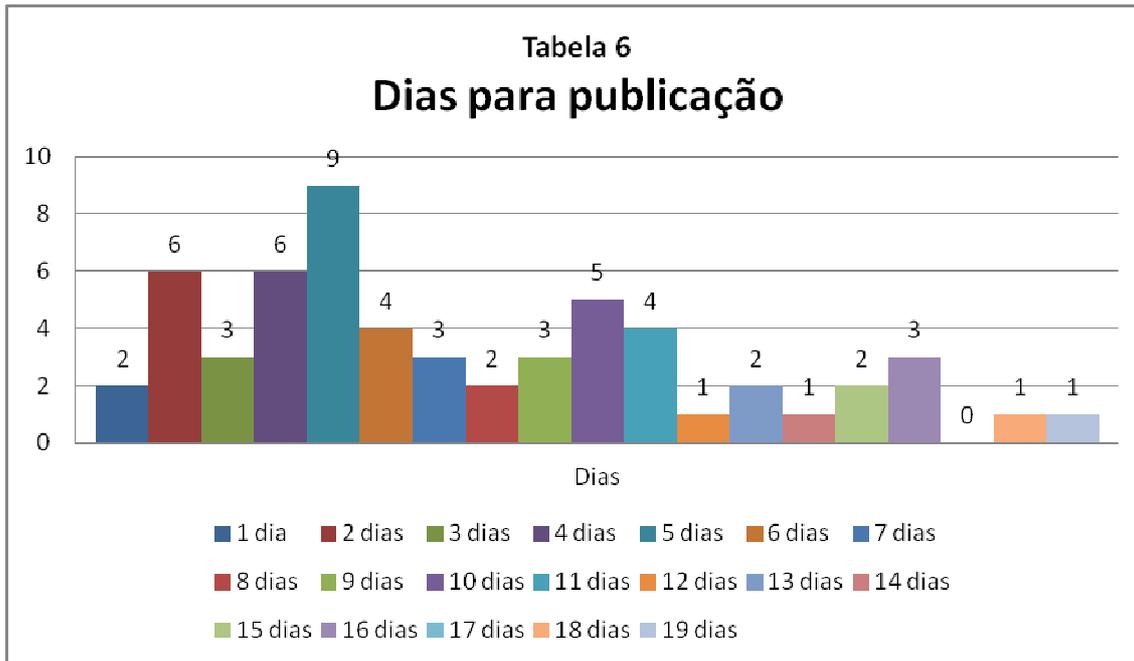
Nesta categoria, chama atenção a incidência de obituários de professores (11%). Enquanto as páginas do caderno de cotidiano registram manifestações contra os baixos salários, as instalações precárias e a violência verbal e, por vezes, física enfrentados em sala de aula pelos docentes, a seção *Mortes* presta seu tributo a estes profissionais. No período analisado foram dedicados sete obituários a professores, sendo que quatro eram de professores-pesquisadores do ensino superior, isto é, cientistas em suas respectivas áreas: maricultura, física, linguística e nutrição humana. Neste caso, em particular, nota-se que a relevância da profissão transcende a questão da localidade, uma vez que apenas dois dos obituários de docentes eram de residentes no Estado de São Paulo (os demais eram da Bahia, do Piauí e dois de Santa Catarina). O mesmo descolamento em relação ao Estado se nota em relação aos religiosos (um padre do Piauí e uma devota do Rio de Janeiro) e militares (um aposentado do Rio de Janeiro).

Em segundo lugar surgem os empresários (18%). Com exceção de dois casos do total de 11, todos os obituários desta categoria são de lideranças de diversos segmentos na capital e no interior do Estado. Todos possuem mais de 64 anos, revelando uma tendência do jornal de imortalizar em palavras os indivíduos que ajudaram a alicerçar a economia de São Paulo. A única exceção a esta imagem enaltecida é a do maior devedor do Banco do Brasil, 58, num perfil, aliás, escrito em tom bastante ácido.

Em terceiro lugar destaca-se a ocorrência dos indivíduos ligados às artes: atores, artistas plásticos, músicos e poetas. Nota-se, aqui, a única repetição de um obituário, o do ator Borges de Barros, 84, publicado primeiramente no Natal de 2007 (45 linhas) e, três dias depois, numa versão condensada (22 linhas).

Qualquer que seja a categoria, não há pressa em registrar o óbito nesta fase inicial dos obituários da *Folha de S. Paulo*. Aliás foi uma pré-condição de William Vieira para aceitar o convite de ser o jornalista responsável pela coluna. Durante o período, os óbitos foram publicados de 1 a 19 dias após o falecimento, sendo que a média verificada é de uma semana entre o óbito e a publicação<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> O número preciso é de 7,34 dias. Este dado refere-se à apuração de 58 dos 62 obituários registrados no período, uma vez que em quatro deles o dia exato do falecimento não foi publicado.



### Considerações finais

Lembramos a pergunta inicial que moveu este trabalho. A partir do perfil biográfico do falecido publicado na fase inicial da coluna Mortes, da *Folha de S. Paulo*, seria possível refletir sobre o imaginário brasileiro e sua representação sobre a morte?

Que ser humano seria o símbolo do país na visão deste jornal paulista plantado no coração da sexta metrópole mais populosa do mundo? Os resultados deste estudo sugerem que, pelo menos em 2007, o perfil básico seria um indivíduo do sexo masculino (68%) com mais de 64 anos (65%), do eixo Rio/São Paulo (75%), vítima de um mal prevalente na população, como uma doença cardíaca ou câncer (61%).

Note-se, contudo, que para ter seu obituário publicado, ser falecido no próprio Estado teria mais relevância para um empresário do que para um poeta, uma vez que algumas categorias profissionais se beneficiam de certo descolamento em relação à imagem do Estado, como professores, artistas e cientistas. De toda forma, a atenção do obituarista na seleção de histórias está totalmente concentrada no país. Não se verificou, no período analisado, nenhum falecimento de estrangeiro. Além disso, o espaço é dedicado a personagens não midiáticos.

Ainda no quesito profissional, não há espaço para excluídos do sistema sócio-econômico, como sem tetos, ou profissionais de atividades tidas como ilegais, como bicheiros e prostitutas. Antes, privilegia-se a publicação do falecimento de indivíduos que contribuíram de alguma forma para sua comunidade – mesmo os aposentados são identificados pela sua colaboração na fase mais produtiva da vida. Os perfis, neste sentido, estão alinhados com a visão do próprio jornal, que se vê como uma publicação independente e liberal – 44% dos obituários referem-se à profissionais liberais graduados, como médicos, engenheiros e advogados.

Esta característica não é um impeditivo, contudo, para nonagenários e centenários. Neste caso, observa-se também o relato algo nostálgico de facetas sociais que não seriam cobertos com destaque pela mídia atual, como a esposa de um médico que abdicou da carreira de cantora lírica e nadadora profissional para se dedicar ao lar e à família.

O tempo médio entre o falecimento e a publicação do obituário é de sete dias. Nota-se que este prazo mais longo parece beneficiar a construção da narrativa, permitindo a busca de casos mais tocantes e a redação mais cuidadosa da coluna.

Acima de tudo, ressalta-se a ênfase nos obituários de pessoas longevas. Este fenômeno parece se dever ao fato de que viver vinte ou trinta anos a mais do que a expectativa média de vida tornaria o indivíduo um vencedor. Não do mundo material, talvez, até porque os perfis publicados desta natureza referem-se a representantes de profissões singelas, como porteiros e costureiras. Num certo sentido, contudo, é como se a pessoa – independente de seu local de nascimento e das opções pessoais e profissionais feitas ao longo da vida – tivesse tido êxito no empreendimento mais desafiador de todos: o de negociar com a própria Morte.

## Referências

BAITELLO Jr., Norval. **A Era da Iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Animal que Parou os Relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.

BLIXEN, Karen. **A Fazenda Africana**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FLUSSER, Vilém. **Da Religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

MAROCCO, Beatriz. **Fragmentos de vidas exemplares**. 9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. Rio de Janeiro, ECO – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Anais, novembro de 2011.

MEDINA, Cremilda. **A Arte de Tecer o Presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SANCHES, Nivaldo. Necrológio. **Folha de S. Paulo**. Painel do Leitor. São Paulo, 12 dez 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1212200710.htm>>. Acesso em: 2 jan 2012.

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SUZUKI Jr., Matinas (Org.). **O Livro das Vidas**: obituários do New York Times. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.